

Por que e a quem interessa ler os almanaques? O caso do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro

Nilcimara de Vilhena Lima Caldas¹

A proposta deste estudo consiste em construir caminhos para uma análise da escrita de mulheres que se tornaram colaboradoras do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (ALLB) e que produziram textos a partir de diversos lugares daquele espaço que hoje se convencionou chamar de Amazônia. Nesse contexto de produção, o conjunto de textos produzidos por mulheres da Amazônia ajuda na reflexão crítica sobre a concepção de autoria vigente à época, incluindo a própria percepção que se tinha sobre a tarefa de homens escritores (“Autores” para a referida publicação) em comparação com a produção feminina (as “Senhoras”) presente na mesma publicação.

Assim, uma das consequências desse estudo – movimento crítico de uma pesquisa de dissertação em andamento no Programa de Pós-graduação em Letras/Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) – desemboca da ação produtiva de questionar as formas de dominação masculina de escritores sobre as mulheres que também produziam textos literários (sendo também escritoras, mas ainda não reconhecidas como tal, pois ainda eram vistas como meras “Senhoras”, como já apontamos) para o citado Almanaque (publicação que circulou ininterruptamente entre os anos de 1851 e 1932 alcançando um espaço lusófono daquele período, desde Portugal até o Brasil, passando pelas colônias portuguesas na África).

O estudo sobre o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* também, em certos aspectos, pode acender alguns sinais sobre a condição feminina na contemporaneidade, inseridas numa esfera cultural que passa pela aceitação de uma mão-de-obra relativamente recente no mercado editorial luso-brasileiro (a colaboração sistemática de mulheres) e chega à seara pedagógica e cultural com o incremento das Letras no espaço de circulação de publicações periódicas como o nosso objeto de investigação do momento, o ALLB.

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* é uma publicação em língua portuguesa, mas foi lançado em Paris, no ano de 1851, e circulou até 1932, de maneira ininterrupta, conforme já informamos. Exceto a sua primeira publicação (1851), todas as

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLET) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

outras edições do ALLB estão no acervo do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias), órgão da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (nomenclatura que adotaremos neste estudo, assim como a maioria de seus/suas analistas) iniciou sua série de publicações com o nome mais “enxuto” de *Almanaque de Lembranças* (CHAVES in *Revista Navegações*, v. 4, n. 2, 2011). Já a partir do número cinco, a publicação passou a se chamar *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. E a partir da edição para o ano de 1872, a publicação mudou novamente o seu título para *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (CHAVES. Op. Cit., p. 187).

Almanaques para uma cartografia do Conhecimento

Grande mapa da humanidade e suas experiências reveladoras que garantiriam a permanência de um conhecimento geral para a posteridade, essa ideia genérica sobre o almanaque se aproxima da proposta do fundador do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (ALLB), Alexandre Magno de Castilho, que, por sua vez, pretendia que seu anuário fosse “uma livraria em miniatura” (CHAVES, 2017, p. 27). Por outros caminhos, mas na mesma linha de raciocínio, o almanaque seria uma espécie de representação culta de um mundo o qual só poderia ser revelado pelas experiências descritas naquela publicação. Assim, a ideia do escritor argentino Jorge Luis Borges sobre o mundo cuja perfeição e permanência só poderia ser representado como uma Biblioteca (como no conto “A Biblioteca de Babel” [BORGES, 2007] e também se afina com o que se construiu histórica e legendariamente sobre os almanaques.

Assim, para o autor argentino, a descrição inicial do espaço daquilo que seria uma espécie de Biblioteca Universal, que supostamente poderia caber numa proposta de almanaque (repositório de todo conhecimento produzido pelo homem em e sobre todos os tempos), dá o tom descritivo do início do referido conto:

O UNIVERSO (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, vêm-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente (BORGES, 2007).

Mais adiante, o narrador do conto parte de um axioma que interessa aqui: “a Biblioteca existe *ab aeterno*”. Essa Biblioteca se concretizaria, na nossa leitura, na ideia do almanaque que sobreviveria como um instrumento de repositório da memória cultural de um tempo e um espaço específicos – ou mesmo genericamente, como quer

Jorge Luis Borges com “A Biblioteca de Babel”, indicando o lugar de encontro do conhecimento humano num espaço ideal e perfeito (a biblioteca em si, em sua forma arquitetônica que prediz um mundo em movimento ao seu redor). Assim, o almanaque, sintetiza essa agonia atemporal de organizar o caos, que é concretizada pelo controle do tempo: “No início era o Verbo”, como reza o livro inaugural da Bíblia Sagrada.

Nessa leitura específica, o Almanaque de Eça poderia exercer a função da Palavra primordial que cria todas as coisas, ela mesma (a Palavra, o Almanaque) o resultado de todas as coisas, só que organizada numa palavra criadora e que nega o caos, ou ao menos tenta negar pretendendo ser um guia para a humanidade, conforme aponta Vanda Anastácio (2012, p. 56): “estas publicações [os almanaques] procuravam simultaneamente guiar, instruir e deleitar os seus leitores”.

Assim, o autor de Os Maias descreve o almanaque muito próximo daquilo que seria o Livro original, num prefácio ao *Almanaque Encyclopédico* de 1896:

Então, naquele caminho perdido da Mesopotâmia, sob a imensa tristeza do céu justiceiro, os dois Sábios, filhos de Seth, determinaram arquivar, escrevendo sobre matéria imperecível, a Ciência que possuíam, que era a Ciência total daquela primeira Humanidade. Durante três dias e três noites [...] os Sábios, sem repouso, ansiosamente, espreitando as nuvens, gravavam sobre o granito e sobre o tijolo, duplamente, o Livro de Todo-o Saber. [...] Que direi? O Livro de Todo-o Saber, gravado para a Humanidade vindoura, sobre o tijolo e o granito, nas vésperas do Dilúvio, por dois sábios filhos de Seth, era na realidade e simplesmente um Almanaque.

Para Eça de Queirós, cito Vanda Anastácio (2012), “o *almanaque* era visto como um objeto capaz de preservar o essencial da sabedoria humana, uma espécie de compêndio possível de arquivar as verdades essenciais da espécie, de fornecer um modelo de organização do quotidiano e da vida em sociedade”, fim da citação. No mesmo estudo, Vanda Anastácio procura localizar a origem dos almanaques em língua portuguesa, chegando a apontar que os mais antigos estão na forma de manuscritos e datam do início do século XIV. Em outras línguas, os almanaques no formato impresso mais antigos são publicados na Alemanha entre 1454 e 1458 por Gutenberg, o famoso inventor da imprensa de tipos móveis. Na França, por sua vez, o almanaque mais antigo de que se tem notícia surge em 1491.

Assim, tanto os almanaques germânicos (*Türkenkalender*, *Laxierkalender* e *Astronomischerkalender*) quanto o almanaque francês (*Grand calendrier et compost des bergers*) – aqui mencionados como os formatos impressos mais antigos na Europa – manifestam uma função essencial para o formato naquele período: o de calendário e

orientação para a navegação, por exemplo. Nesse caso, os almanaques eram, mais que uma publicação dificultosa e caríssima, certamente (posto que ainda não eram publicações periódicas), uma fonte preciosa de ordenamento do tempo e da vida social e do trabalho humano.

Nesse aspecto, Anastácio (2012, p. 57) chama atenção para o fato de que nem o *Almanach perpetuum* “nem os almanaques anteriores ao século XVII eram periódicos ou anuais”. Isso explica tanto o nome de “perpetuum” para o primeiro almanaque publicado em língua portuguesa quanto a ideia de Eça de Queirós sobre um Almanaque-arquivo de todo conhecimento humano. Assim, o estabelecimento de um objeto (manuscrito ou impresso) que desse conta de absorver e ser a fonte dos registros do conhecimento humano sobre a natureza parece estar na base dos primeiros almanaques que circularam na Europa.

E se entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX uma das funções dos almanaques que circularam em Portugal e no Brasil, por exemplo, era ampliar o público leitor, contribuindo, inclusive, para as relações culturais luso-brasileiras (como apontam Vania Chaves e Eliana Dutra, no início de sua circulação, os almanaques firmavam um grupo restrito de leitores aos quais aquele conjunto de conteúdos se dirigia, preferencialmente: navegadores, médicos e ciências afins.

Na Apresentação ao dossiê sobre almanaques, publicado na revista *Convergência Lusíada* (v. 32, n. 46, jul.- dez. 2021, p. 203), Vania Chaves aponta o que parece ser um contrassenso: “Em pleno século XXI [...] poderá parecer estranho a publicação de um dossiê centrado num gênero textual e editorial que, à primeira vista, parece marginal e decrépito”. Mas, em seguida, a autora chama atenção para a permanência e certo vigor dos almanaques que ainda atualmente, mesmo com todos os apelos da internet, redes sociais e diversas plataformas virtuais de leitura, continuam sendo publicados, “com tiragens que ultrapassam frequentemente as de livros e jornais”.

Vania Chaves reforça o caráter generalista e enciclopedista em torno da organização do conhecimento humano que deveria e poderia caber numa publicação como o almanaque, o qual recebera “diversas designações, tais como *anuário*, *calendário*, *repertório*, *lunário*, *prognóstico*, *efemérides*, *folhinha*, *guia de forasteiros*, *borda-d’água*, *perfeito lavrador*”. Guia geral (onde se vê e se lê “de tudo um pouco”,

como ainda se diz popularmente) e espaço para registros específicos e suas particularidades, o almanaque é mesmo generalista, popular e erudito, alfabetizador e farol simbólico de uma sociedade composta por letrados e iletrados, mas sempre curiosos sobre como o conhecimento humano é produzido e para que ele serve. Tais aspectos, suas particularidades e diversidades moldam o pensamento de uma época e indicam também a permanência de um espaço (o almanaque) para consultas gerais, aleatórias e pontuais.

Aspectos do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*: forma e função

Para Vania Chaves (*in Revista Navegações*, v. 4, n. 2, 2011, p. 187) o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* “deve [...] ser enquadrado no subgrupo de almanaques literários, por apresentar, além de vasta informação prática para o ano vindouro, passatempos, textos muito variados sobre os diversos campos do conhecimento humano”. A mesma autora continua apresentando essa espécie de radiografia do ALLB, feito de “composições literárias em verso e em prosa, bem como artigos de natureza histórico-crítica sobre autores e obras da literatura universal”. Assim é o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* – uma publicação que se ocupa de diversos gêneros textuais, mas que, a rigor, privilegia a produção masculina em detrimento da feminina no rol de seus colaboradores.

Enquanto projeto editorial, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* buscou oferecer aquilo que era comum se esperar de um almanaque: uma gama variada de colaboradores, temáticas, gêneros textuais, estilos e visões de mundo (“um misto de anuário, livro, revista e jornal” [CALDAS, *in Revista Ininga*, v. 1, n. 1, 2014, p. 77]), que procuravam dar conta de certa diversidade no contexto da segunda metade do século XIX e das primeiras três décadas do XX.

Importa aqui inserir essa publicação num gênero literário específico (ou nem tanto) com suas particularidades e dentro de um contexto complexo, dado o largo período de publicação – basicamente entre meados do século XIX e as primeiras três décadas do século XX. Assim, é Vania Chaves (*Op. Cit*, p. 187) quem nos oferece uma boa caracterização do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*: “ele deve ainda ser enquadrado no subgrupo de almanaques literários, por apresentar, além de vasta informação prática para o ano vindouro, passatempos, textos muito variados sobre os diversos campos do conhecimento humano”.

Para seguir com a caracterização e a contextualização do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (ALLB) enquanto um gênero literário importante na formação cultural de uma sociedade, vale a pena fazer uma tentativa de “varredura” em uma concepção mais genérica de almanaque, desde suas origens, até o período que Débora Dias (2011) aponta como o seu ápice com o alargamento de um público leitor, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do XX.

Assim, num movimento cronológico para tentar alcançar o momento em que o almanaque aparece como uma forma de interpretação do mundo, antes mesmo de se transformar propriamente num “formato editorial” – como informa Vanda Anastácio (2012, p. 53) – ou mesmo num “gênero editorial de ampla circulação desde meados do século XIX” (DIAS, 2011, p. 1) – Vanda Anastácio procura encontrar uma espécie de origem para esse gênero, e acha no prefácio de Eça de Queirós ao *Almanaque Encyclopédico* de 1896 (p. 32 e 34) uma interessante pista em forma de fábula bíblica, na qual é possível recuperar uma ideia inicial e genérica sobre os almanaques: um livro que deveria guardar o saber produzido pelos homens e, além disso, o que já não é pouca coisa, deveria organizar e regular as ações humanas e suas diversas maneiras de perceber, interpretar e construir o conhecimento para o futuro. O almanaque seria, portanto, um marco regulador e civilizatório entre as sociedades humanas, e estaria entre nós desde tempos míticos, como sugere o prefácio de Eça.

Em uma abordagem um pouco mais específica, analisando almanaques na área de saúde, mais especificamente em Farmácia, que circularam no Brasil entre as décadas de 1930 e 1950, Yasmin Nadaf (2011, p. 131) indica que esse gênero “compreendeu leitores letrados e analfabetos, pobres e abastados”, mantendo “a sua influência pedagógica e ideológica – de civilização e de progresso”. Dessa forma, para a mencionada autora, a presença e a circulação cada vez mais crescente desses almanaques era um indicativo de forte influência em populações que sequer sabiam ler, mas deveriam ter suas vidas pautadas pelo ordenamento sanitário indicado pelos almanaques de Farmácia, cumprindo seu “objetivo de entreter, incentivar a leitura e informar regras de higiene, de saúde e de beleza” (NADAF 2011, p. 131).

Para Nadaf, esse “grande veículo de (in)formação/entretenimento” – ao cumprirem sua função civilizatória de ensinar a sociedade brasileira da primeira metade do século XX – assumem “a tarefa de educar sanitária e moralmente um grande número

de brasileiros” vítimas de uma série de doenças que poderiam ser evitadas, por exemplo, com o acesso a água tratada.

Considerações Finais

Para concluir esse momento da pesquisa, que certamente será acumulado de outros movimentos de (re)leituras sobre o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, posto que estamos tratando aqui de uma dissertação cuja redação está em andamento, ensaio uma resposta às perguntas embutidas no título deste trabalho: por que interessa ler almanaques? E a quem interessa tal leitura, em 2023? Como resposta, provisória, temos a necessidade de se estabelecer a leitura desse material (ainda) como símbolo de instrução e orientação em um mundo agora, e cada vez mais, inundado pela Inteligência Artificial e diversos instrumentos de produção virtual de textos, muitos deles voltados para o conhecimento humano ou quase isso.

Instrumento de relações interculturais, como desejaria o primeiro editor do *Almanaque de Lembranças*, esse “anuário criado por Alexandre Magno de Castilho publicou numerosíssimas matérias sobre o Brasil e acolheu vasta colaboração brasileira” (CHAVES, 2017, p. 28), incluindo a produção feminina que, embora “muito reduzida quando comparada com a masculina [...] era muito apreciada tanto pelos editores quanto pelos colaboradores masculinos e pela generalidade dos leitores da coletânea” (*Idem*, p. 29).

Nesse contexto em que a produção textual de mulheres se impõe na tradição canônica da literatura produzida por homens das Letras, a leitura de almanaques na contemporaneidade pode soar como uma atividade anacrônica e sem possibilidade de utilização no presente e no futuro. Justamente por esse contexto artificial de produção textual e de divulgação de conhecimento com múltiplos vieses, a presença de textos como almanaques (resgatando sua origem impressa de apresentar um retrato do mundo aos/às leitores/as) revela a intenção contemporânea de educar uma sociedade para a autonomia de produção textual, agindo assim a favor da geração de produtores e leitores experts de textos em diversas áreas do conhecimento, o que cumpre a função primordial do Almanaque.

Referências

ANASTÁCIO, Vanda. “Almanaques: origem, Géneros, produção feminina”. In: *VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 18, Santiago de Compostela, 2012, p. 53-74.

BORGES, Jorge Luis. “A Biblioteca de Babel”. In: *Ficções*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CALDAS, Yurgel Pantoja. Presença da Amazônia no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro: apontamentos descritivos para um guia futuro. In: *Revista Ininga*, v. 1, n. 1, segundo semestre de 2014, p. 75-80.

CHAVES, Vania. Notas para o estudo da presença feminina no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. In: *Revista navegações*, v. 4, n. 2, jul.-dez. 2011, p. 187-192.

CHAVES, Vania Pinheiro. “Contribuições do *Almanaque de Lembranças* para as relações luso-brasileiras”. In: TOPA, Francisco; SIQUEIRA, Joelma Santana; YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso (Coords.). *Estudos de Literatura Brasileira em Portugal: Travessias*. Porto: Edições Afrontamento, 2017, p. 27-41.

CHAVES, Vania Pinheiro. “O almanaque: dos periódicos oitocentistas ao *Facebook*” (Apresentação). In: *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v.32, n.46, p. 203-216, jul.-dez. 2021.

DIAS, Débora. “Rotas de livreiros e seus almanaques: intercâmbios luso-brasileiros nos circuitos do impresso”. In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 26, 17-22 jul. 2011, São Paulo, Anais... São Paulo: Associação Nacional de História, 2011.

NADAF, Yasmin Jamil. “Essas revistinhas que se chamam almanaque”. In: *Revista Ecos*, v. 10, n. 1, julho de 2011, p. 131-138.

QUEIRÓS, Eça de, *Almanaques e outros Dispersos*, (Edição de Irene Fialho), Lisboa, Imprensa Nacional, 2011, pp. 245-284.